

ASSEMBLÉIA

DF - Polícia **Greve dos policiais pode acabar ainda hoje**

Os sinais de boa vontade entre os negociadores do governo e os representantes dos policiais civis indicam um fim próximo para a greve que atinge as 35 delegacias do Distrito Federal, Instituto Médico Legal e, até ontem, impedia a visita aos presos. Condenados e acusados à espera de julgamento puderam, pela primeira vez nos últimos 23 dias, ver seus parentes.

À tarde, numa reunião não prevista e convocada por iniciativa do governo, as duas partes estiveram reunidas no gabinete do secretário de Segurança, Roberto Aguiar, que não estava presente. Nas duas horas que estiveram juntos, quatro sindicalistas, a chefe de gabinete da Secretaria de Segurança, Erenice Guerra, e o diretor de Administração Geral do órgão, Ivan Fassheber, discutiram o pagamento do adicional de trabalho noturno, a única das reivindicações ainda pendente.

O pedido de isonomia interna foi aceito e o pagamento do ticket-alimentação está garantido, apesar de ainda não ser retroativo a 1996, como pedem os policiais civis. O acerto sobre a Gratificação por Operações Especiais (GOE), que emperrou as negociações dias atrás, depende do governo federal e do Senado e não se discute mais sobre isso. Depois do encontro, as negociações continuaram no gabinete do governador Cristovam Buarque.

As reuniões de ontem antecedem a assembléia marcada pelo Sindicato dos Policiais Civis do Distrito Federal (Sinpol-DF) para hoje, às 15h, no estacionamento 6 do Parque da Cidade, vizinho à Coordenação de Polícia Especializada (CPE). Nas delegacias, os agentes dizem não aos pedidos de registro de ocorrências e avisam sobre a possibilidade de a categoria decidir pelo retorno ao trabalho.

Os parentes dos presos deram uma amostra do alívio que a volta ao trabalho dos policiais traz à população. A inesperada chance de visitas, graças à decisão da assembléia de quarta-feira, fez mães, mulheres, irmãos e amigos correrem às compras para abastecer os internos da CPE com alimentos e material de higiene pessoal.

Das quatro alas da central, duas são abertas aos visitantes a cada semanas e, por isso, para alguns o afastamento já durava um mês. "Eu sabia da greve, estava na chácara e nem viria, mas ouvi no rádio bem cedinho que hoje iria poder, corri em casa, peguei umas coisas e vim ver meu filho", disse a dona-de-casa Mariana Francisca Ferreira, de 51 anos, que às 10h30 conseguiu entrar pelo portão verde. "O que uma mãe não faz, mesmo na hora da morte, pela sua cria."